



ESPAÇOS PÚBLICOS E SOCIABILIDADE URBANA: PRÁTICAS ESPACIAIS DO LAZER EM VITÓRIA DA CONQUISTA/BA

Rizia Mendes MARES

Universidade Estadual Paulista – FCT/UNESP
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia
Bolsista CNPq – Doutorado GD
Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GASPERR)
Grupo de Pesquisa Urbanização e Produção de Cidades na Bahia.
E-mail: rizziamendesmares@gmail.com

Arthur Magon WHITACKER

Universidade Estadual Paulista – FCT/UNESP
Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia.
Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GASPERR)
Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe)
E-mail: arthur.whitacker@unesp.br

RESUMO:

Apresentamos a compreensão de que os espaços públicos, condição, meio e produto social, podem ser promotores dos encontros insurgentes que contribuem para a sociabilidade urbana. A essa ideia, associamos o entendimento de que as práticas espaciais associadas ao lazer animam os espaços públicos. Em contraste, enfrentamos, desde o estudo aqui retratado em Vitória da Conquista, estado da Bahia, a contraditória condição de cisão nas práticas, nos usos e na frequência dos espaços pelos cidadãos e o próprio falseamento do espaço público em espaços privados. Nossa hipótese principal é a de que os espaços públicos se constituem em elemento de tensão entre a produção mercadológica do lazer e o lazer como prática espacial, constituindo-se uma dimensão de realização da urbanidade. Os procedimentos metodológicos empregados compreenderam a realização de 16 entrevistas semiestruturadas a sujeitos-tipo conforme perfil previamente determinado, entrevista estruturada a agentes bem informados, 270 *enquetes* aos cidadãos em pontos distintos da cidade com grande fluxo e diversidade de sujeitos e em observações de campo. A pesquisa revelou que, mesmo considerando os novos conteúdos agregados ao lazer, os espaços públicos firmam-se como esfera de realização de uma cotidianidade que possibilite, através das práticas espaciais de lazer, relações sociais pautadas na urbanidade e horizonte para construção de uma sociabilidade efetiva e mais qualificada.

Palavras-chave: espaços públicos; sociabilidade urbana; práticas espaciais do lazer

INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentamos a compreensão de que os espaços públicos, por serem condição, meio e produto social, podem ser promotores dos encontros insurgentes



que contribuem para a sociabilidade urbana. A essa ideia, associamos o entendimento de que as práticas espaciais, no caso em tela, as práticas espaciais associadas ao lazer, animam os espaços públicos. Em contraste, enfrentamos, desde o estudo aqui retratado em Vitória da Conquista, a contraditória condição de cisão nas práticas, nos usos e na frequência dos espaços pelos cidadãos e o próprio falseamento do espaço público em espaços privados.

As práticas espaciais e as práticas espaciais do lazer são por nós compreendidas como realização da ação social no espaço (LEFEBVRE, 2000), as quais podem ser produzidas por um agente particular, o capitalista (CORRÊA, 2007), impondo sua racionalidade nos modos de apropriação pelos cidadãos dos espaços erigidos pelo capital (CARLOS, 2013). Contudo, consideramos, também, que as formalidades da prática em que se articule a maneira de pensar e agir, combinar e utilizar são desafiadoras da racionalidade imposta à cidade (CERTEAU, 1994), pelas capacidades produtoras dos sujeitos sociais através das práticas materiais ativas (MASSEY, 2008) que, no limite, resgatam a ação social e a consciência desse ato, como vida social que é produzida socialmente (DAMIANI, 1997).

Sobre os espaços públicos, guiamo-nos por abordagens diversas, mas não necessariamente excludentes, e oriundas de pesquisas que procuraram associar uma fundamentação teórica sólida com leituras do espaço concreto. Isso permitiu-nos compreender tais espaços desde um ponto de vista da dominação (SOBARZO, 2004; 2014), do controle social (SERPA, 2003; 2004; 2011; 2013), mas, também, enquanto lugar de sociabilidade urbana (LOBODA, 2008), cidadania e ação política (GOMES, 2012).

Nossa hipótese principal é a de que os espaços públicos constituem-se em um elemento de tensão entre a produção mercadológica do lazer e o lazer como prática espacial, constituindo-se uma dimensão de realização da urbanidade. Uma cidade em que as transformações oriundas do intenso processo de urbanização na contemporaneidade extrapolam a forma urbana, analisar as práticas espaciais do lazer



através das representações do espaço apropriado pelos sujeitos, possibilita-nos analisar as relações de sociabilidade urbana em que pese uma acessibilidade controlada e diferencial ao lazer, bem como, o estranhamento causado por uma padronização e hierarquização no uso de espaços onde o lazer se realiza.

Os procedimentos metodológicos que alicerçaram essa pesquisa constituem-se de dezesseis entrevistas com sujeitos a partir de oito perfis¹ estabelecidos em função da faixa etária, condição civil, escolaridade, inserção no mercado de trabalho, local de residência, renda familiar e quantidade de membros etc., de 270 inquéritos distribuídos por toda a cidade e definidos em razão de amostragem estatística, além de entrevista estruturada a agentes bem informados² e observações de campo. Os resultados estão organizados em uma estrutura composta dessas notas introdutórias e de duas outras seções, sendo que na primeira, analisamos a prática do lazer-mercadoria e o estranhamento nas relações de sociabilidade; na segunda, o uso de espaços públicos como possibilidade de restituição do uso através do lazer como prática.

Sociabilidade urbana na cidade do capital

A cidade, como forma espacial, e as práticas espaciais, como instância e ação que dão movimento e conteúdo àquela forma, são erigidas e submetem-se a uma mesma racionalidade e estruturam as relações sociais.

Em uma perspectiva que avalie a sociabilidade urbana na cidade do capital, essas relações sociais mostram-se fortemente associadas à identidade com o supérfluo, com a dimensão aparente mais ou menos estandardizada, traduzida na exposição e consumo de imagens padronizadas e em hábitos ou costumes massificados, mas, paradoxalmente, travestidos de distinção e identificação com padrões sociais ou culturais de prestígio. Individualização e customização ocorrem à homogeneização de padrões, inclusive, os espaciais.

Culturalmente, vive-se a supremacia do indivíduo; uma certa pós-modernidade, para resgatar um título tão caro aos anos 1990. Economicamente, a produção flexível de



mercadorias, associa-se à produção de hábitos. Esse “indivíduo” é, assim, fabricado na esteira de uma produção em larga escala.

As práticas espaciais do lazer compõem-se tanto dessa dimensão cultural, quanto da econômica e estabelecem-se como dimensão e conteúdo do espaço. A cidade, forma espacial, é receptáculo ou recipiente (CORRÊA, 2011) pois traz a função pensada a ela e a prática que dela se apropria.

Dialeticamente, as práticas espaciais do lazer compõem reflexo e condição ao estabelecimento de um padrão e à valorização mercadológica do tempo do lazer e especializam e hierarquizam práticas e espaços no plano da cidade. O tempo do lazer, assim, associa-se, pelas práticas espaciais, aos espaços de lazer ou àqueles em que o lazer vier a se realizar.

Pelo viés do consumo, a produção dos espaços de lazer ou a apropriação de espaços onde o lazer se realiza estão fortemente marcados pela diferenciação socioespacial que, na atualidade, expressa-se de modo mais complexo ao associar-se a processos mais profundos de cisão espacial e social, comprometendo a sociabilidade, mediada por um padrão social homogêneo, condicionando usos distintos a cada grupo social, seja em espaços públicos ou privados.

Assim, a difundida ideia de homogeneização, que estabeleceria um padrão às práticas espaciais e é pautada na produção de espaços e atividades dentro do conjunto mais amplo da lógica de consumo atual, contraditoriamente, marca-se pela fragmentação. As frações do espaço se desarticulam social e espacialmente, hierarquizando-se e sendo hierarquizados, pois, a esses fragmentos são atribuídos valores e simbolismos que, no ato da apropriação, reorientam as relações sociais.

Debord (1997) ilustra esse período de maciço controle da vida social pela economia capitalista em que há uma subordinação do ser ao ter, alçando o consumo a uma posição de estruturador social. Concordando com esse autor, a perspectiva do consumo é um caminho interpretativo aqui utilizado por consideramos que sob a ideologia de consumo, como posto por Baudrillard (2003), produz-se uma lógica



fetichista que utiliza-se da massificação do consumo do lazer, ainda que o Lazer não seja alçado à direito ou possibilidade para todos, como um meio de propagar um ideário de acesso irrestrito e homogêneo à participação equânime no uso de espaços e signos voltados a esse fim.

Em Vitória da Conquista, o relativo aumento das atividades produzidas como opção de lazer e seus respectivos espaços, mormente aquelas voltadas ao entretenimento, não respondem quantitativa e qualitativamente às necessidades de todos os cidadãos. O que nos faz questionar as condições postas pela lógica de consumo, em termos de universalização do lazer.

A produção dos espaços de lazer nessas condições traz à tona os conflitos de interesse decorrentes da relação das esferas pública e privada, considerando, de um lado, o papel da elite e do poder público locais, articulados para manutenção da reprodução e circulação do capital e, de outro, as necessidades e lutas cotidianas de cidadãos na busca de alternativas para fazer frente ao lazer-mercadoria e garantir a realização da vida cotidiana, através de espaços que lhes possibilitem o acesso ao lazer como prática espacial.

A produção da cidade de Vitória da Conquista, de modo geral e dos espaços de lazer, especificamente, deixa evidente essa condição de inter-relação entre diferentes agentes. O Estado, principalmente a esfera local, em associação com os promotores imobiliários, utilizam-se dos instrumentos de regulação do uso do solo e de ordenamento da expansão territorial para institucionalizar a cisão espacial e social que se torna emblemática na estruturação dessa cidade. Uma separação amparada nas representações sociais dos cidadãos e que, orienta a produção dos novos espaços de lazer e a refuncionalização dos já existentes.

A expansão territorial urbana de Vitória da Conquista, sobretudo, a partir de meados da década de 1990, intensificou-se como resultado da reestruturação econômica e foi condição para abarcar novas demandas econômicas encabeçadas pelos setores de comércio e serviços. Com esse processo, houve a formação de novas áreas centrais e o



lazer foi um elemento que amplificou sua relevância na estrutura espacial porque possibilitou maior abrangência e alcance, fortalecendo sua centralidade. Em um segundo momento, as atividades e espaços de lazer valeram-se dessa mesma centralidade na ampliação e intensificação do consumo do lazer-mercadoria. Assim, o Lazer tanto cria a centralidade, quanto se aproveita dela, dialeticamente.

Com a ênfase dada ao uso dos produtos-espetáculos inseridos nessas novas áreas centrais, a prática do lazer foi direcionada ao âmbito privado, o que pode ser lido como um reflexo dos novos hábitos urbanos induzidos por uma tendência à privatização do espaço, em que o individualismo exacerbado envolve a vida cotidiana priorizando-se a sociabilidade entre iguais, especialmente quando se trata de espaços monitorados e privativos, motivos que levam muitos cidadãos com capacidade de escolha e consumo a não usarem os espaços públicos (SENNET, 1988; SERPA, 2003; 2007).

Como vimos desenvolvendo em outros trabalhos, (MARES, 2015; 2016; 2017), as representações do lazer em Vitória da Conquista apontam uma produção contraditória. Uma face desse processo tende à universalização, orientada por um aumento no poder de consumo e pela popularização de certas práticas espaciais, idealizando uma democratização no consumo do lazer-mercadoria.

Nesse caso, o uso de uma das novas áreas centrais conformadas, que tem como principal eixo a Avenida Frei Benjamim, bairro Brasil, Setor Oeste (Figura 1), foi destacada nas narrativas de sujeitos pesquisados com renda familiar majoritariamente entre 2 a 3 salários mínimos, como possibilidade de consumo dos espaços de lazer da iniciativa privada mais acessíveis às suas condições econômicas, apesar dos conflitos oriundos das diferenças de renda expressas nas relações de sociabilidade estabelecidas nesses espaços. Compreendemos que as representações conferidas a essa área são elucidativas da posição social e econômica do cidadão que consome exatamente o que lhe é atribuído dentro ciclo produtivo.

VI SIMPÓSIO
cidades
 médias e pequenas
 da **Bahia**

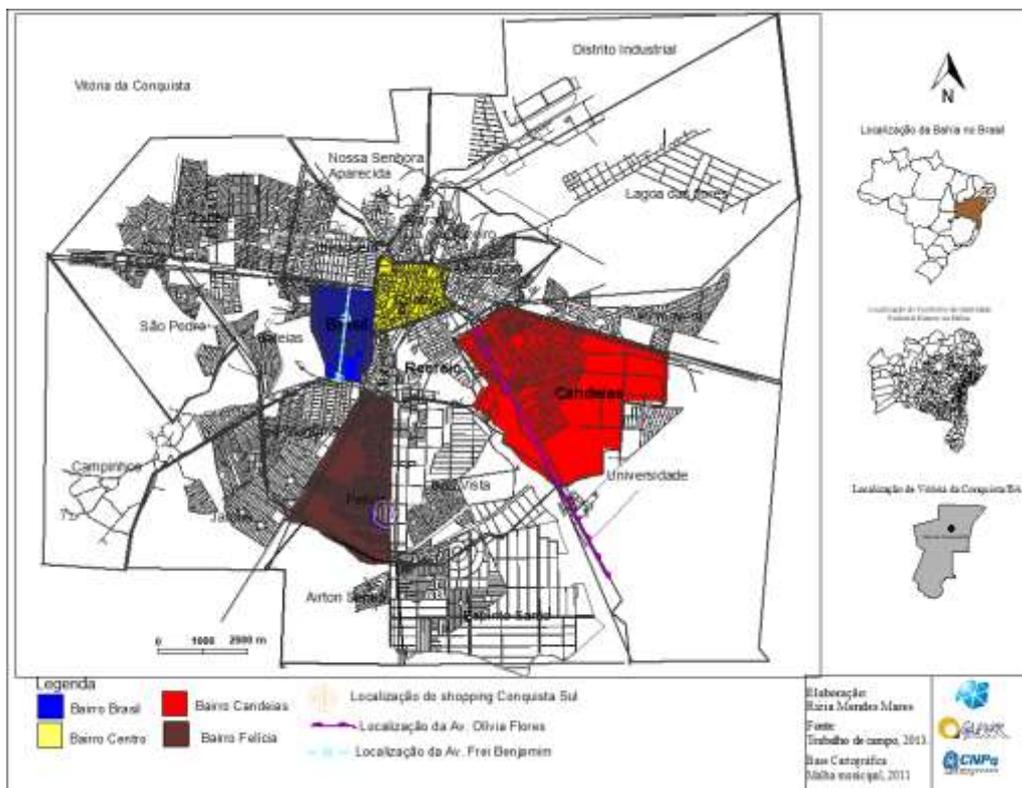


Figura 1. Vitória da Conquista/BA. Localização das novas áreas centrais e principais eixos.

A outra face desse processo indica que a suposição de democratização ou de compartilhamento do espaço e no espaço não se sustenta. As representações atribuídas ao lazer recolhidas junto aos sujeitos pesquisados expressam elitização e reforço às cisões sociais por produzirem um perfil de consumidor que acessará aos espaços produzidos pela iniciativa privada com *status* de exclusividade, sofisticação e hierarquia. Essa condição se constitui por meio da forma espacial erigida (uma nova áreas central) e através das representações sociais que atribuem ao eixo da Avenida Olívia Flores, bairro Candeias, Setor Leste (Figura 1), o local de lazer “da elite”, uma vez que o custo financeiro de se consumir nesse espaço e o próprio consumo desse espaço implicarem na dificuldade de frequência dessa área por parte majoritária dos



citadinos. Em decorrência, e de modo mais enfático, o estranhamento se engendra às possíveis relações de sociabilidade e afastam o diferente.

As narrativas dos citadinos entrevistados são expressivas dessa condição. É exemplar o relato de Lucas³, 33 anos, solteiro, morador de área periférica, no Setor Oeste da cidade, engenheiro agrônomo de formação e que trabalha no Setor Sul da cidade. Mesmo tendo meios próprios de deslocamento e renda mensal entre 2 a 3 salários mínimos, expressa suas dificuldades de acesso às áreas em que a prática do lazer traduz-se como elemento de distinção e estratificação social e condicionador da sociabilidade urbana.

No bairro Brasil, a gente gosta muito de ir, Olívia Flores... muito difícil. Na Olívia é outro público, a gente... sabe por que? A gente percebeu que cá no bairro Brasil tinha o entretenimento do mesmo nível da Olívia, não perde em nada. E ali, pertinho de minha casa. E os preços são menores o povo é mais simples e interage mais com a gente! Lá [Olívia Flores] o povo não interage tanto. [...] É no bairro Brasil! É muito, oh, muito mais à vontade! Ah, sim, no Alto Marom, no Costinha's é um lugar democrático, super democrático (o Mexicano, o Costinha's) E aquela areazinha ali é ótima, porque tanto o Mexicano quanto o Costinha's, lá é um público assim, eclético! [...] **Eu faço sempre assim, quando a gente quer fazer uma coisa bem diferente nós vamos lá para o outro lado [Candeias/leste]. Bem diferente!** (MARES, 2016, p. 145, grifo nosso).

Perceptível, também, é que a distinção produzida por e nesses espaços alimenta o desejo de consumo por serem “diferentes”, por propiciarem, no plano das representações, uma ação que extrapola a rotina. Esses sujeitos participam do ciclo produtivo, não somente pela compra (consumo) dos signos produzidos, mas também, ao nutrir o desejo de consumo do e no espaço de lazer, pelo ideário de integrarem a vida urbana e o quadro social da cidade.

Essa condição pode ser atribuída, também, nos espaços onde o lazer se realiza intramuros, como no caso dos *shopping centers*. Esse produto imobiliário foi implementado na cidade de Vitória da Conquista em 2006, fomentando a constituição de uma nova área central ao sul da cidade, tendo como principal eixo a Avenida Juracy



Magalhães, Bairro Felícia, onde se localiza o Shopping Conquista Sul (Figura 1). O poder de abrangência desse empreendimento e, por conseguinte, o aumento da centralidade dessa área avançam os limites da cidade, difundindo o ideário de consumo por toda a área de influência de Vitória da Conquista.

As narrativas de Valéria, 38 anos, casada, moradora de área pericentral de Vitória da Conquista e professora da educação básica em município vizinho, Planalto, para o qual se desloca diariamente, não possui meios próprios de deslocamento e tem renda familiar entre 3 e 6 salários mínimos e a do já citado Lucas, fornecem-nos elementos que fundamentam nossas considerações ao relatar as suas experiências em relação às práticas de lazer:

Eu me realizo quando eu estou no shopping. Eu penso que estou numa capital. É sério! Eu falo: eu acho que eu não estou em Conquista não, eu acho que estou lá em São Paulo. Eu penso desse jeito: ah! Eu acho que eu não estou em Conquista não, eu estou em outro lugar, só pode! Por assim, o espaço, entendeu pelas lojas, então... então é só desse jeito! [...] Eu acho que se for para passar a tarde toda no shopping, não precisa estar custando, não é? Comprando nem nada! Só em estar ali vendo vitrines, vendo pessoas diferentes, você entende? Naquele ambiente, eu acho que já ganhei o meu dia, eu penso assim, eu me sinto à vontade. (MARES, 2016, p, 143).

Planalto mesmo, as meninas saem de Planalto para passear em Conquista, talvez não tenha para a gente que está... Não valoriza bem realmente a cidade, não é? Mas, o pessoal de fora realmente vem, vem no natal de Conquista, no shopping, que esse shopping é falado! Lá só se fala nesse shopping. Eu falei, oh gente! Vocês vão toda semana? Toda semana. Eu falei: meu Deus! Vocês gastam, viu! Porque eles se deslocam, porque lá eles pagam van, entendeu? Lá de Planalto, eles fretam van e vem aquele grupo, toda semana, aí vem para comprar vem para um cinema, fica ali tal e tal, é toda semana. Já tem a van certinha dos jovens, principalmente, o lazer deles é virem para cá, já tem o transporte certinho. Aí você pensa na parte financeira, porque tem que pagar uma van, porque o custo é alto e ainda o que gastar, como é que vai? (MARES, 2016, p.102).

Assim, a maioria das atividades que a gente tem de lazer está ligada ao consumo, essa é a questão. Em Vitória da Conquista é assim, a maioria das atividades de lazer é ligada ao consumo. Você vai para o



shopping você vai consumir, vai para um barzinho, vai consumir. Lazer por lazer praticamente é inexistente. (MARES, 2016, p. 120/121).

Em um período em que nas cidades os equipamentos do tipo *shopping center* estabelecem-se, cada vez mais, como espaços lúdicos, o consumo do lazer nesses estabelecimentos carrega os mesmos signos de distinção e seletividade, como exposto em enquetes que realizamos e nas entrevistas. Essa condição se aprofunda quando o *shopping center* estabelece-se nas representações dos cidadãos como única opção de lazer, dado que compareceu nas respostas de cerca de oitenta por cento⁴ dos cidadãos inquiridos, ou seja, não reconhecem outra forma de realizar as práticas de lazer ao não ser pela mediação do mercado, esse importante elemento do cotidiano é anulado dos seus espaços de representação e sua vida cotidiana deteriorada.

A narrativa de Pedro, 41 anos, casado, morador de área pericentral, possuidor de curso superior e comerciante no próprio bairro onde reside, com renda familiar entre 3 e 6 salários mínimos e meios próprios de deslocamento, trata do aniquilamento do lazer como prática, pela subordinação do lazer ao valor de troca.

Eu não tenho lazer normal como as pessoas geralmente fazem. Fora isso que eu faço com certa frequência: as vezes eu vou na casa de um parente, um irmão, um amigo, uma coisa assim. Basicamente é isso só que seria meu lazer, eu não tenho lazer assim específico como as pessoas normais geralmente têm (risos) eu não tenho. [...] O lazer normal, eu diria, basicamente o cinema por causa do shopping center, porque quando não tinha o shopping o cinema era bem fraco, veio melhorar depois do shopping; tem alguns bares para quem curte essa área barzinho e tal que eu acho que é bem sortido em Conquista, bem sortida essa área de barzinhos, embora eu não vá que eu não sou muito fã, mas para quem gosta de barzinho eu acho que tem muito. E têm acontecido com frequência muitos shows em Conquista, só que parte para uma parte meio diferenciada, são shows geralmente caros, então você exclui uma boa parta da população. Então tem o lazer nesse sentido. (MARES, 2016, p. 122).

Vemos uma dissolução dos referenciais de uma prática ativa reveladora da criatividade e do lúdico como resultado da transformação da cidade para atender à reprodução e circulação capitalista. Os espaços-tempos de lazer se submetem à



padronização imposta por essa lógica e passam a constituir os “quadros de referência da ação e delimitam, impedem, permitem o uso” (CARLOS, 2001, p. 47). O cotidiano citadino passa a expressar os condicionantes de um processo maior que subordina os espaços-tempos da vida urbana a um produto a ser consumido e o consumo em um modo de lazer (SANTOS, 1999).

Para os cidadãos que estão à margem do processo de produção e consumo dos signos do consumo contemporâneo, o direito à cidade não se realiza, pois, subtrai-se o direito à centralidade e à participação na vida urbana enquanto obra. Não se trata de negar a participação apenas em um elemento do cotidiano, o lazer, mas na reprodução da vida. Uma alternativa apontada como possibilidade de manutenção do uso da cidade e um modo de participação na vida urbana pela prática do lazer, sem que esse esteja totalmente mediado pelas trocas, dá-se por meio dos espaços públicos, elaboração que apresentaremos na seção seguinte.

A emergência ou insurgência dos espaços públicos em Vitória da Conquista/BA

“Os espaços estão mais elitizados, não tem esse lugar democrático. É isso. Faltam locais mais democráticos”. Esse é o depoimento de um cidadão e que compõe as representações dos espaços de lazer em Vitória da Conquista. Como vimos na seção anterior, há uma ação de fomento dos espaços privados para a prática do lazer mercadológico.

Como contraponto apresentado pelas narrativas dos sujeitos pesquisados obtidas através das entrevistas semiestruturadas, base principal de nossa elaboração a partir de agora, elegemos os espaços públicos como dimensão possível de realização da vida urbana sem necessariamente implicar em mediação do mercado. O espaço público converte-se, então, em condição e possibilidade material de igualdade e em espaço de realização da prática do lazer como obra.

Sobarzo (2014), entretanto, adverte-nos que, mesmo tais atributos sendo associados ao espaço público, é preciso não idealizarmos uma completa sociabilidade. É



relevante, em primeiro plano, considerar o contexto histórico de uma sociedade profundamente desigual.

Outra característica atribuída ao espaço público diz respeito à vida comum que advém de caráter político por relacionar-se diretamente à vida pública (GOMES, 2012), para esse autor, é um espaço onde emergem os conflitos da vida real e, por isso mesmo, dá condição para reconhecimento desses e possibilidades de debates. Enquanto produto histórico, o espaço público vai refletir essas dimensões e sentidos que lhe foram e são atribuídos pelo conjunto de agentes de produção, como assinala Lavalle (2005):

A configuração do espaço público parece ser produzida na conjunção de capacidades e processos históricos em que coincidem e se descompassam a universalização institucional do Estado, a auto-organização da sociedade como determinação permanente da ordem pública e as formas de intermediação comunicativa com sentido público. No cerne de tais coincidências e descompassos cristaliza-se historicamente aquilo que sintetiza toda a relevância do espaço público: quem tem direito a ter direitos e como conquista, realiza e preserva esses direitos. (LAVALLE, 2005, p. 42).

As qualidades externadas pelos sujeitos entrevistados ao espaço público exaltam a acessibilidade dos locais, a diversidade e gratuidade das atividades e o caráter plural de sua frequência em contraposição a maioria das atividades formalizadas no âmbito da cidade como lazer, que está ligada, direta ou indiretamente, ao consumo. Apesar dessas representações, os cidadãos têm, de fato, deixado de estabelecer práticas espaciais que sejam concernentes aos espaços públicos, ora pela raridade desses, ora pelas precárias condições de uso que apresentam.

Nas narrativas dos sujeitos pesquisados, uma das áreas indicadas como propícias à prática do lazer foi o Parque Lagoa das Bateias (Figura 2), localizado no bairro Bateias, Setor Oeste da cidade, como indicou o já citado Pedro, que mora relativamente perto do parque. Mas esse mesmo sujeito destaca a percepção de insegurança associada a tal área:

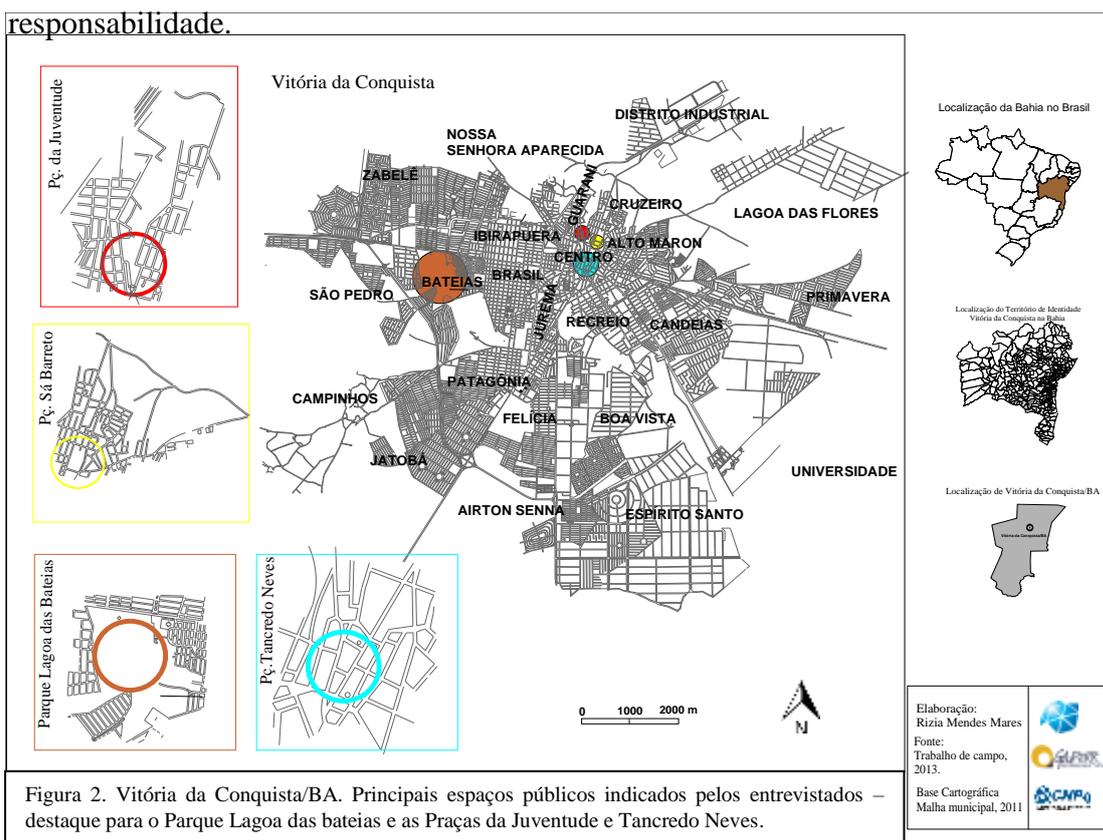
A exemplo, que a gente vê é a Lagoa das Bateias que a ideia é justamente essa, fazer como se fosse uma praça, na verdade, que é para dar para o pessoal da região de lá, ter facilidades, ter



ciclovias e tudo, dá muita chance do pessoal se divertir um pouquinho ali, ser uma forma de lazer. Então, por enquanto ainda tem, mas, se limita no horário, depois de certo horário você já não confia mais. Fica um pouco perigoso. (MARES, 2016, p, 127).

Esse parque também foi indicado como uma importante área de lazer pelo Secretário Municipal de Cultura, Turismo e Lazer, o qual, assim como os sujeitos pesquisados, reconheceu a falta de conservação do equipamento e de sua infraestrutura. Contudo, o representante do poder público atribuiu a degradação do parque aos próprios cidadãos e não à falta ou inadequação da manutenção, que seria de sua

responsabilidade.



Outro espaço público destacado pelos cidadãos corresponde as praças, elencadas como importantes e necessárias para a realização de atividades lúdicas e de encontro. As



mais frequentadas são aquelas pertencentes aos próprios bairros de moradia dos sujeitos, entretanto, compareceu o uso de praças em locais distintos daqueles do próprio bairro de moradia, indicando uma mobilidade na busca por uma prática mais efetiva.

Dentre as citadas, destacamos a Praça da Juventude, umas das áreas mais recentemente produzidas pelo poder público municipal, concluída em 2013 e localizada no bairro Guarani, na confluência com o bairro Cruzeiro (Figura 2), é constituída, também como um roteiro turístico por articular-se à Reserva Florestal do Poço Escuro e ao Parque Serra do Periperi, ao norte da cidade. Desde sua inauguração, vem sendo utilizada para diversos tipos de atividades recreativas e culturais pela população em geral, pelo poder público municipal, por organizações religiosas e também da iniciativa privada.

Também compareceu com grande ênfase, a praça Tancredo Neves, no centro principal de Vitória da Conquista (Figura 2), identificada pelos sujeitos da pesquisa. Tal área advém do tempo longo de estruturação da cidade e marca representações e simbolismos sociais. O centro principal, no qual a praça se insere, conta, ainda, com um museu regional e residências com padrão arquitetônico que preservam o tempo pretérito em que a elite residia e socializava nessa área. Atualmente, os usos comercial e de serviços predominam e as atividades de lazer e turística são mais expressivas. Houve a manutenção da forma e refuncionalização do conteúdo, deixando esta área da cidade associada às práticas espaciais do lazer.

Os movimentos de rupturas e permanências inscritos nas formas da cidade, base material do processo de urbanização, podem ser apreensíveis por meio das práticas espaciais, ainda que residuais, e são um meio para analisarmos a produção social dos espaços de lazer. Permitem-nos apreender a dialética de continuidade e descontinuidade, ultrapassando uma constatação reducionista e simplista que coloca o espaço como heterogêneo porque descontínuo ou homogêneo porque contínuo (GUERRA, 1992). Examinar esse movimento permite que verifiquemos a coexistência, ou não, de diferentes práticas e sujeitos em um mesmo lugar.



Rabotnikof (2005) também destaca que o espaço público poderia responder a uma necessidade de presença cidadã frente à fragmentação identitária e a um pedido de reestabelecimento da pluralidade em contraposição a padrões uniformes. Os espaços públicos figuram, então, como horizonte de possibilidades, de reestabelecimento da insurgência do uso desses como movimento contrário ao ideário propagado pelo consumo de massa.

Um modo de assegurar o caráter de centralidade aos espaços públicos, como destacado por Lefebvre (2008), dá-se pela condição de realização da prática do lazer como modo de apropriação (DAMIANI, 1997, p. 50), por sua capacidade de humanizar a cidade e, no limite, “recuperar a ação e a consciência da ação individual, como vida social, produzida socialmente.”. Ainda que isso ocorra naqueles espaços que são produzidos sob controle social por parte dos grupos de maior poder político e econômico na cidade. Ou seja, reafirmamos a possibilidade da insurgência como condição latente dos espaços públicos, o que assevera a necessidade de seu estudo, uso e manutenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de analisar as práticas espaciais do lazer a partir do uso de espaços públicos na cidade de Vitória da Conquista evidenciou as relações conflituosas na luta pelo direito à cidade, incluindo o direito ao lazer. Em um período marcado pela resignificação dos conteúdos estruturantes das relações de sociabilidade, da ampliação e difusão das práticas cotidianas privativas hierárquicas, excludentes, trazer como elemento central do debate as práticas espaciais de lazer nos espaços público da cidade contemporânea, traduz-se como ação conscientizadora, da ação coletiva.



Mesmo que os condicionantes sociais e econômicos e a ação interessada dos agentes de maior poder na produção do espaço urbano, sobretudo, o Estado por limitar a disponibilidade de equipamentos públicos para qualificar a vida da população, as praças e parques públicos são horizontes de possibilidade para restituição do uso. Embora que assegurar a diferença, a centralidade, a essência do encontro seja uma meta ainda não garantida, que os espaços públicos possam possibilitar o uso como questionador da estrutura fragmentária dos espaços de realização da vida, como o lazer, e para que alcancemos tal meta, o direito ao uso efetivo da cidade só pode ser internalizado pelas práticas cotidianas.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2003, 211 p.
- CARLOS, A. F. A. Novas contradições do espaço. DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F. A.; SEABRA, O. C. de L. (Orgs.) **O espaço no fim do século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 62-80.
- Corrêa, R. L. (2011). Organização do Espaço: dimensões, processo, forma e significados. **Geografia**, Rio Claro, v. 36, p. 7-16.
- DAMIANI, A. L. Turismo e lazer em espaços urbanos. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo, modernidade, globalização**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GOMES, P. C. C. Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, pp. 19-41.
- GOMES, P. C. da C. **A Condição Urbana**. Ensaios de Geopolítica da Cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- LAVALLE, A. G. As dimensões constitutivas do espaço público: uma abordagem pré-teórica para lidar com a teoria. **Espaço & debates**, São Paulo, v.25, n.46, p. 33-44, 2005.
- LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.



- LOBODA, C. R. **Práticas socioespaciais e espaços públicos em Guarapuava – PR.** Presidente Prudente. 352 fl. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista-Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente. Presidente Prudente/SP, 2008.
- MARES, Rizia Mendes. **A produção do espaço e a reprodução da vida na periferia pobre das cidades médias: o estudo do bairro Cruzeiro em Vitória da Conquista/BA.** 2011. 150f. Monografia (Licenciatura em Geografia) Departamento de Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2011.
- MARES, R. M. Cidades médias e a produção do espaço urbano: reflexões sobre a produção dos espaços de lazer em Vitória da Conquista(BA). In: DIAS, P. C.; LOPES, D. M. F. (Org.). **Cidades médias e pequenas: desafios e possibilidades do planejamento e gestão.** 95ed.Salvador: SEI, 2014, v. 1, p. 201-221.
- Mares, R. M. **A produção do espaço urbano em Vitória da Conquista/BA: lógicas e práticas espaciais do lazer.** Presidente Prudente, 171f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2016.
- MARES, R. M. A produção do espaço urbano e as representações do espaço-tempo de lazer em uma cidade média brasileira. In: **ACTAS DEL II CONGRESO INTERNACIONAL DE GEOGRAFÍA URBANA - II CIGU**, II Congreso Internacional de Geografía Urbana - II CIGU - Ciudades bajo presión. Periferias como opción, 2017, Luján, 1425, 2017, p. 20.
- MARES, R. M. A produção social dos espaços de lazer: o caso de Vitória da Conquista, Bahia-Brasil. **Revista Formação** (Online), v. 1, p. 136-152, 2017.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- RABOTNIKOF, N. El espacio público: variaciones em torno a un concepto. **Espaço & debates**, São Paulo, v. 25, n. 46, p. 45-54, 2005.
- SANTOS, N. P. dos. Lazer, espaço e tempo. GAMA, A.; SANTOS, N. P. dos. (Orgs.). **Lazer.** Da libertação do tempo à conquista das práticas. IUC, 2008, Coimbra, pp 145-163.
- SANTOS, N. P. dos. Os espaços-tempos de lazer na sociedade contemporânea. **Cadernos de Geografia**, F.L.U.C., Coimbra, 1999, nº18, pp.129 - 137.
- SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** São Paulo, Cia. das Letras, 1988.
- SERPA, Â. Ampliação do consumo e os conflitos entre público e privado na cidade contemporânea: questões para o debate. CARLOS. A. F. A.; LEMOS, A. I. G.(Orgs.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade.** São Paulo: Contexto, 2003, p.413-417.



SERPA, Â. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. **GEOUSP** - Espaço e Tempo: São Paulo, 2004, n.º 15, pp. 21 – 37.

SERPA, Â. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2011.

SERPA, Â. Segregação, território e espaço público na cidade contemporânea.

VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Orgs.) **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 169-188.

SOBARZO, O. A. M. **Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**, 2004. 221 fl. Tese (Doutorado) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologias. Presidente Prudente, 2004.

SOBARZO, O. Espacio público y nuevas centralidades. **Ciudades 104**, octubre-diciembre de 2014, RNIU, Puebla, México. p. 1-8.

¹ LÓGICAS ECONÔMICAS E PRÁTICAS ESPACIAIS CONTEMPORÂNEAS: CIDADES MÉDIAS E CONSUMO. Projeto Temático, financiado pela Fapesp, 2011. Aproximamo-nos desse projeto pelo vínculo acadêmico com o orientador, porém, não nos inserimos formalmente por sua investigação circunscrever-se a um conjunto de cidades do sudeste e sul do Brasil.

² Denominação desenvolvida e empregada a partir do projeto temático: “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo”, FAPESP, 2011, que considera aqueles que possuem conhecimento histórico sobre a expansão territorial da cidade, ou ainda aqueles envolvidos com a política e a economia desta, que ocupam cargos em empresas e/ou instituições públicas e privadas, possuidores de informações importantes para a pesquisa.

³ Os nomes são fictícios a fim de preservar a identidade dos entrevistados.

⁴ Fonte: pesquisa de campo. Aplicação de enquetes, total de 270. 2013.